

ÁREA TEMÁTICA:

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

ENSAIO DE UMA PESQUISA SOBRE A TEMÁTICA DE GÊNERO EM DOIS EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DE PONTA GROSSA - PR

BOGDANOVICZ, Fabiane Kravutschke¹
ABRAMI, Lorena Dantas²
LOPES, Igor Fabian de Goes³
MIRANDA, Tereza Lopes⁴
SOPKO, Camila⁵

RESUMO – O presente trabalho diz respeito a dois grupos incubados pela IESol - Incubadora de Empreendimentos Solidários – da UEPG, que compreendem associados em sua quase totalidade do sexo feminino, que, entretanto, não possuem uma pauta de discussão de gênero. A Economia Solidária abrange o trabalho associado capaz de produzir novos valores e novas formas de vínculos sociais, sendo um rico espaço para se discutirem questões transversais, dentre elas questões de gênero. Nesse sentido, intencionou-se identificar aspectos relacionados às questões de gênero na organização de trabalho de duas associações incubadas pela IESol, comparando essas características entre uma associação de artesanato e uma associação de catadores de materiais recicláveis, de perfis sociais, econômicos e educacionais distintos. Para isso, elaborou-se um questionário a fim de verificar se há uma percepção de diferenças de gênero na divisão do trabalho dos grupos, formados majoritariamente por mulheres. Nos resultados, observou-se que os trabalhos preferencialmente femininos são relativos à organização, limpeza e trabalhos domésticos, enquanto trabalhos relacionados aos homens incluem carregar peso e dirigir. Apesar das diferenças elencadas nas respostas, a maioria das entrevistadas acredita que todas as funções podem ser exercidas por todos, igualmente. Esta pesquisa é um levantamento inicial e demonstra a relevância de se debater a questão de gênero dentro dos empreendimentos solidários, pois percebem-se divergências entre os diferentes questionários, mas também entre as diferentes respostas de um mesmo sujeito.

PALAVRAS CHAVE – Economia solidária. Gênero. Produção.

¹ Psicóloga, Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG, voluntária da IESol. Contato: fabianebolan@yahoo.com.br

² Acadêmica de Serviço Social da UEPG, estagiária da IESol. Contato: lorenadantasabrami@gmail.com

³ Acadêmico de Engenharia de Materiais da UEPG, estagiário da IESol. Contato: ifgl@ig.com.br

⁴ Graduada em Serviço Social e Mestra em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Técnica da IESol. Contato: tl.miranda@uol.com.br

⁵ Acadêmica de Serviço Social da UEPG, estagiária da IESol. Contato: camila.sopko@gmail.com

Introdução

A Incubadora de Empreendimento Solidários – IESol, é um programa permanente de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, que tem por objetivo a concretização, através de assessoria, fortalecimento e solidificação, de grupos incubados, visando à geração de renda. Os grupos incubados são formados por pessoas que estão fora do mercado de trabalho formal tanto da cidade, quanto no campo, que se organizam através de associações. As atividades realizadas pela IESol vão desde formação sobre Economia Solidária, compreendida como “o trabalho associado capaz de produzir vínculos sociais e novos valores, diferentes das relações de mercado capitalista” (COSTA, 2007), até a prática do cotidiano desses grupos. A presente pesquisa compreende dois dos três grupos incubados pela IESol, que foram escolhidos considerando-se que não existe uma pauta de discussão de gênero nas duas associações, apesar de sua quase totalidade de associados do sexo feminino. Com a categoria gênero, compreendem-se as construções sociais, psíquicas e históricas sobre os papéis destinados aos homens e às mulheres, para além do equipamento biológico sexual (COSTA, 2007). “Diferentemente do sexo, o gênero é um produto social, apreendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações” (COSTA, 2007).

Um dos dois grupos que esta pesquisa abrange é a Associação de Recicladores Rei do Pet - ARREP. Composto por recicladores da região atendida pelo CRAS Santa Luzia e CRAS Sabará, o grupo atualmente conta com doze membros, sendo onze deles mulheres. A Associação é localizada o bairro Chapada, onde se situa o barracão. Nele é separado o material que é fornecido pelo programa Feira Verde, da Prefeitura Municipal, e algumas parcerias de coleta seletiva; após a separação, o material é vendido resultando ou complementando a renda dos associados.

A outra é a Associação de Feirantes Solidários – AFESOL, grupo composto por seis mulheres, que desenvolvem artesanatos, como a confecção de porta-jóias, roupas para crianças, e produção de alimentos, como pães, pasteis, etc., sempre levando em conta os princípios da Economia Solidária. O grupo está com a IESol desde o final de 2005. Suas feiras acontecem três vezes por mês na UEPG - Campus Central e uma vez por mês na UEPG - Campus Uvaranas. Além disso, algumas associadas fazem suas feiras na frente da Igreja São José nas quartas-feiras de novena e também a Associação participa de eventos como: Feira do Peixe, Feira de Natal, Festa da Maçã, CONEX, entre outros. Os produtos são feitos individualmente; porém, a comercialização é realizada conjuntamente, compondo sua renda familiar ou parte dela.

Observa-se, a partir do mapeamento da Economia Solidária no Brasil (BRASIL, 2007), que entre os 1.687.496 trabalhadores dos 21.637 Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), 630.382 são mulheres (cerca de 37,3%). Tem-se que 17,9% dos EES são compostos exclusivamente por mulheres, contra 9,4% apenas por homens. Nos empreendimentos com menor número de participantes (até 20), mais do que o dobro é composto por mulheres. Entretanto, a diferença se inverte nos empreendimentos com mais de 50 pessoas, vindo a ter também mais do que o dobro de participantes do sexo masculino (BRASIL, 2007). Para Pessoa, Ramos e Peixoto (2006), esse indicador demonstra que às mulheres ainda estão relegados poucos espaços para a participação no campo econômico, apresentando na Economia Solidária a reprodução de um problema encontrado no mundo do trabalho capitalista. Há também uma tendência histórica de que grandes empreendimentos sejam hegemonicamente dominados por homens, mantendo as mulheres em atividades mais domésticas ou familiares. Os temas públicos, racionais e econômicos foram historicamente relegados aos homens, enquanto às mulheres restou a esfera privada (SPECHT, 2009). Nesse sentido, percebe-se também que a maior parte das políticas públicas voltadas para mulheres se encontra mais na área social do que na área econômica (SANTOS, [s.d.]). As propostas da Economia Solidária apresentam-se como uma solução a essa dicotomia econômico – social, daí a relevância de um olhar mais atento às questões de gênero dentro da Economia Solidária.

Conforme relatório da Organização das Nações Unidas – ONU, de 2006 (PESSOA, RAMOS e PEIXOTO, 2006), 2/3 de todo o trabalho do mundo é executado por mulheres, que recebem apenas 1/3 dos valores mundialmente destinados a salários. A Economia Solidária se propõe a romper a divisão social do trabalho, que compreende a separação entre o proprietário dos meios de produção e o trabalhador que vende sua força de trabalho. Entretanto, há também que se romper também com a divisão sexual do trabalho, que valoriza o trabalho do homem e subordina o da mulher, hierarquizando-os (SANTOS, [s.d.]). As mulheres ainda são minoria nos espaços de decisão e, em empreendimentos mistos, há uma naturalização do lugar das mulheres (V PLENÁRIA, 2012). As jornadas duplas ou triplas de trabalho realizadas pelas mulheres, a desigualdade nas responsabilidades domésticas e a falta de condições de trabalhos fora de casa (como ausência de creches, por exemplo) influenciam negativamente no rendimento no trabalho, bem como nas relações

familiares, levando as mulheres a “optarem” por trabalhos com maior flexibilidade de horários, em tempo parcial ou informal. Além disso, o trabalho da mulher é comumente encarado como complementar ao do homem, que é o principal provedor da família e o trabalhador profissional. Esses fatos se somam para justificarem socialmente a baixa valorização e remuneração do trabalho da mulher (MAGRINI et al, 2010). Devido a isso, observa-se também o fenômeno da feminização da pobreza (COSTA, 2007; OLIVEIRA, 2004), sendo que 70% dos miseráveis do mundo são mulheres (ONU, 2006 apud PESSOA, RAMOS e PEIXOTO, 2006).

O trabalho na Economia Solidária conta com espaços de discussão, por se tratarem de empreendimentos embasados na organização autogestionária. Todavia, mesmo espaços privilegiados de debate podem reproduzir desigualdades naturalizadas na sociedade. Se as mulheres não vivenciam a igualdade em seus diferentes espaços de atuação em geral, essas desigualdades podem vir a ser reproduzidas dentro dos EES. É necessário, portanto, que se reflita em torno da atuação, protagonismo e participação feminina, objetivando a construção ativa de alternativas que superem as desigualdades históricas (PESSOA, RAMOS e PEIXOTO, 2006), pois a sociedade pode ser compreendida como uma arena de conflitos, na qual, gênero, ciência, sexualidade e trabalho, entre outros elementos, se entrecruzam enquanto categorias históricas e acabam por tecer-se e transformar-se através da participação política dos sujeitos nos movimentos sociais (MIRANDA, 2011). Além de espaço potencial de desnaturalização e desconstrução das relações de gênero, a Economia Solidária pode proporcionar emancipação política e econômica da mulher, bem como auxiliar no debate e na reivindicação de políticas públicas de gênero (MAGRINI et al, 2010).

Objetivos

Compreendendo a realidade na qual os EES se encontram inseridos, observa-se a necessidade de se pautarem as questões de gênero, a fim de compreender e explicitar as desigualdades encontradas – e reproduzidas – nas práticas cotidianas. Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo identificar aspectos relacionados às questões de gênero na organização de trabalho de duas associações de economia solidária incubadas pela IESol, comparando essas características entre uma associação de artesanato e uma associação de catadores de materiais recicláveis, de perfis sociais, econômicos e educacionais distintos. Devido a isso, elaborou-se um questionário a ser aplicado em dois grupos incubados pela IESol para verificar como se percebem as diferenças de gênero na divisão do trabalho dos grupos, formados majoritariamente por mulheres.

Metodologia

Para a coleta de dados foi elaborado pela equipe um questionário com perguntas gerais sobre aspectos socioeconômicos e questões de gênero relacionadas às atividades e funções desenvolvidas nos grupos, para ser direcionado somente às mulheres de cada grupo. O mesmo questionário foi aplicado separadamente na AFESol e na ARREP, em dias de reunião de formação com a IESol. Na AFESol foram entrevistadas todas as associadas, totalizando 6 entrevistas. Na ARREP o questionário foi aplicado às associadas que estavam presentes no dia da atividade, resultando em 9 entrevistadas de um total de 12.

O questionário é composto de 5 perguntas. Na primeira dupla de perguntas (em todo o processo realizado, existem trabalhos ou funções realizadas apenas por homens/mulheres?), buscou-se compreender a realidade concreta das divisões sexuais de trabalho nas duas associações, permitindo às entrevistadas elencarem os trabalhos e funções da associação que sejam realizados exclusivamente por homens ou por mulheres.

A segunda dupla de perguntas (em todo o processo realizado, existem trabalhos ou funções realizadas preferencialmente por homens/mulheres?) intencionou compreender também o caráter subjetivo da divisão sexual do trabalho, através da inclusão do termo “preferencialmente”.

A última pergunta (você acredita que existem funções que devem ser exercidos por homens e outros por mulheres, ou todos podem exercer qualquer das funções?) também permite expressão da subjetividade e possibilita que se explicitem as construções pessoais implícitas quanto à divisão sexual do trabalho.

Resultados

Nas respostas ao questionário, observa-se que aparecem mais relacionadas ao homem as funções relativas a carregar peso e dirigir. Apesar de as mulheres afirmarem que, frente à falta de associados do sexo masculino, precisam se organizar para realizarem todas as funções.

São elencados mais trabalhos preferencialmente femininos do que trabalhos preferencialmente masculinos. Uma das respostas, que afirma que qualquer tipo de serviço pode ser feito preferencialmente por homens, pode ser citada para se tentar entender o motivo dessa diferença quantitativa nos trabalhos elencados. Os serviços de organização, limpeza e trabalhos domésticos são algumas dessas tarefas apontadas como mais características de mulheres.

Frente ao questionamento se existem funções que devem ser exercidas por homens e outras por mulheres, ou se todos podem exercer qualquer das funções, a maioria respondeu que todos podem, indicando uma tendência maior à igualdade ou busca dela. Apesar disso, algumas das entrevistadas que responderam pela igualdade indicaram, em questões anteriores, separações do serviço baseadas no gênero, demonstrando uma distância entre a teoria falada e a prática do cotidiano. Observam-se colocações que demonstram um binarismo na divisão sexual do trabalho, apontando construção civil e caminhoneiro como exemplos de trabalhos masculinos, apesar de poderem ser realizados por mulheres, e trabalhos como tricô, cozinha, limpeza e cuidar das crianças como trabalhos femininos, que também podem ser realizados por homens.

As respostas, em geral, apresentaram opiniões bastante divergentes, demonstrando que não há homogeneidade quanto às questões de gênero nas associações, possivelmente devido à ausência dessa pauta nos debates. Nesse sentido, a IESol, enquanto entidade de apoio à Economia Solidária, tem um papel fundamental no enfrentamento da desigualdade de gênero. Segundo Guérin (2005 apud VILASBOAS, 2011), a prática dos empreendimentos solidários seria capaz tanto de promover economicamente seus participantes quanto de promover transformação social através de relações mais igualitárias para melhor condição da vida das mulheres em vulnerabilidade social.

Conclusões

A partir do que foi apresentado, conclui-se que este ensaio de pesquisa sobre gênero nos empreendimentos incubados se trata de um levantamento inicial que traz apontamentos de temas a serem abordados em futuras pesquisas. Percebe-se a grande participação de mulheres, seja no processo de produção, seja na gestão do empreendimento. Isso aponta para a grande relevância do tema, que merece maiores estudos.

Conclui-se também que é preciso debater a questão de gênero dentro dos empreendimentos solidários, a fim de se evitar a reprodução das desigualdades encontradas no bojo da sociedade e de ampliar os espaços de protagonismo feminino, ainda restrito à esfera privada. Esse debate também se mostra relevante devido às divergências apresentadas não apenas entre os diferentes questionários, mas entre as diferentes respostas de um mesmo sujeito, indicando que a fala e a ação ainda se encontram distanciadas.

Referências

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Atlas da Economia Solidária. 2007. Disponível em <www.mte.gov.br/Empregador/EconomiaSolidaria/Fase2/Relatorios/EmpreendimentoResumoNacional.asp>. Acesso em 15 abr. 2013.

COSTA, B. L. **Em busca de autonomia**: A trajetória de mulheres na economia solidária. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Católica de Minas Gerais. 2007. 182 p. Disponível em <www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_CostaBA_1.pdf> Acesso em 12 abr. 2013.

MAGRINI, P. R.; OLIVEIRA, A. L.; FIGUEIREDO, F. C.; KNUPP, M. E. G. Economia Social no contexto brasileiro: considerações sobre o caráter desigual do trabalho das mulheres. **Observatório de la Economía Latinoamericana**. N. 137, 2010. Disponível em <www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/10/mofk.htm>. Acesso em 13 abr. 2013.

MIRANDA, T. L. **Educação e relações de gênero**: entre avanços e desafios na experiência da Escola Latino Americana de Agroecologia. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2011. 151 f.

OLIVEIRA, A. L. **O processo de empoderamento de mulheres trabalhadoras em Empreendimentos de Economia Solidária**. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina. 2004. 121 p. Disponível em <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp011793.pdf>. Acesso em 12 abr. 2013.

PESSOA, C.; RAMOS, J. F. P.; PEIXOTO, S. L. F. Economia Solidária e Feminista: Reflexões em torno da autonomia econômica das mulheres. 2006. Disponível em <www.fbes.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=866&Itemid=216>. Acesso em 12 abr. 2013.

SANTOS, G. Economia Solidária e Feminista, um encontro possível. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em <www.fbes.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1237&Itemid=1>. Acesso em 12 abr. 2013.

SPECHT, A. A. Economia Feminista. **Cadernos Brasil Local: Desenvolvimento e Economia Solidária**. Suplemento Julho, 2009, p. 04-12. Disponível em <www.mda.gov.br/o/2776316>. Acesso em 12 abr. 2013.

V PLENÁRIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. Economia Solidária: bem viver, cooperação e autogestão para um desenvolvimento justo e sustentável. Luziânia, GO: [s.n.], 2012. Disponível em <e.eita.org.br/mulheresplenaria>. Acesso em 12 abr. 2013.

VILASBOAS, J. P. O. O Trabalho associativo em economia solidária na ótica do gênero. In: NUNES, J. H.; FREITAS, R. A. (org.) **Trabalho e Gênero: Entre a solidariedade e a desigualdade**. Pp. 213 - 234. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.